

A CULTURA MATERIAL ASSOCIADA A SEPULTAMENTOS NO BRASIL: ARQUEOLOGIA DOS ADORNOS

Jaciara Andrade Silva¹

¹Olivia Alexandre de Carvalho²

Albérico Nogueira de Queiroz³

RESUMO

Neste trabalho procuramos lançar uma discussão sobre a cultura material relacionada aos sepultamentos em sítios arqueológicos. Propusemos encontrar elementos que justifiquem as especificidades dos adornos para três sepulturas do Sítio Justino (137, 138 e 140), Canindé de São Francisco, Sergipe, Brasil. As evidências presentes nessas amostras e a conexão entre os três esqueletos estavam restritas às semelhanças entre os artefatos. A constituição química dos artefatos e o contexto em que se encontravam deixaram clara a existência de materiais incompatíveis com a tipologia das amostras comuns para períodos pré-colombianos. Assim, acreditamos que esses artefatos teriam uma origem fora do território brasileiro e teriam sido trazidas pelos colonizadores, sobretudo a partir do século XVI. As tentativas de datações diretas em amostras de ossos e dentes oriundos das sepulturas do Justino não apresentaram resultados conclusivos em razão do estado de conservação das amostras (material extremamente friável). As evidências levam a crer que os diversos questionamentos e inquietações sobre as camadas de estratigráficas do sítio arqueológico Justino podem ser mais complexos do que o que foi apresentado até o momento.

45

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Material, Sepultamentos, Arqueologia dos Adornos

ABSTRACT

In this paper we seek to throw a discussion about the material culture related to human burials in archaeological sites. We proposed finding evidences to justify the specific features of adornments for three tombs from Justino archaeological site (137, 138 and 140) that was located at Canindé de São Francisco, Sergipe state, Brazil. The sample evidences and the connection between the three skeletons were restricted to similarities between artifacts. The chemical constitution of the artifacts and the context in which they were made clear the existence of incompatible with the common typology of samples for pre-Columbian period

¹ Discente, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFS.

² Departamento de Arqueologia, UFS.

³ Departamento de Arqueologia UFS.

materials. Thus, we believe that these artifacts have an origin outside Brazil and have been brought by the colonizers, especially from the sixteenth century. Attempts at direct dating on samples of bones and teeth coming from the Justino burials showed no conclusive results due to the condition of the samples (extremely friable material). These evidences suggest that the various questionings and restlessness about the stratigraphical layers of the Justino archaeological site may be more complex than has been presented so far.

KEYWORDS: Material Culture, Burials, Archaeology of Adornments.

A cultura material é um fenômeno que apresenta duas codificações: uma na mente do artesão e a outra na forma física do objeto (NEWTON, 1987 *apud* SENE, 2003:112). Atribuindo uma ideia de um produto tecnológico aos objetos arqueológicos, segundo Martin (2008:152), podemos conhecer o desenvolvimento das sociedades pré-históricas. “As classificações dos objetos arqueológicos, sejam tipológicas, cronológicas, tecnológicas ou espaciais, são recursos que o arqueólogo emprega para tentar entender a evolução cultural dos grupos étnicos e sua adaptação a um determinado meio” (MARTIN, *op. cit.*). Os artefatos são definidos como objetos móveis produzidos ou modificados pelo homem, variáveis quanto à sua composição, forma e função (nem sempre compreensível). Quanto à interpretação de artefatos, Boëda (2006) apresenta a importância da análise tecnológica em materiais líticos, onde é possível determinar o *saber fazer* e os *conhecimentos necessários* para a realização da cadeia operatória. Cada etapa reflete conhecimentos técnicos específicos, a noção de esquemas operatórios expressa assim as maneiras específicas de fazer de cada grupo cultural. Belo (2008) postula que, quanto à análise tecnológica, o que importa é estabelecer como as cadeias operatórias foram moldadas através da compreensão do local de extração das matérias-primas e o porquê do uso de determinadas técnicas. “O fabrico de artefatos compreendendo sua cadeia operatória gera objetos que podem ser analisados quanto à forma genérica, às funções e suas especializações” (SILVA, 2005, p. 145), sendo entendida através da forma neles empregados a função atribuída e sua multifuncionalidade.

47

[...] as técnicas de manufatura de um dado artefato devem ser vistas em uma perspectiva diacrônica, permitindo que todas as etapas das cadeias operatórias sejam compreendidas como produtos de escolhas culturais, vinculadas à organização social de um dado grupo (DIETLER & HERBICH, 1989; 1998; GOSSETAIN, 1998 *apud* FAGUNDES, 2006, p. 150).

A análise dessa cadeia operatória permite então que a interpretação dos fatos ocorra além da cultura material. É possível entender “[...] as técnicas como sistema, nesse caso, buscando o entendimento dos processos mentais e materiais envolvidos na tecnologia propriamente dita” (LEMONNIER, 1986; 1992 *apud* FAGUNDES, 2006, p. 123). Dessa forma, a reconstrução da cadeia operatória caracteriza não apenas elementos técnicos de produção, mas, através deles, é transmitido o lado imaterial; as informações que são transferidas ao objeto pelo seu executor expressam características pessoais de cada grupo. A interpretação dessas informações torna-se tão difícil à compreensão quanto o entendimento sobre o próprio ritual o qual elas possam estar associadas.

A escolha, a obtenção (captura), o processamento, o gasto energético na fabricação de artefatos, “a mensuração das áreas de captação de recursos originais, entre outros aspectos, podem ser refletidos nos vestígios funerários e mensuráveis estatisticamente” (SILVA, 2005). A análise dos acompanhamentos visa à caracterização através da identificação das matérias constituintes, todo o processo de extração e manufatura, o uso e o papel desempenhado enquanto artefato funerário.

O estudo da cultura material funerária entendida como a manifestação física das práticas funerárias e, portanto, de uma parcela da cultura de uma sociedade constitui outra vertente dos estudos voltados a essas práticas, especialmente aos acompanhamentos funerários (SILVA, 2005: 61).

48

Os vestígios materiais contextualizados nos rituais funerários permitem observar indicadores sociais, como já demonstrado, acrescidos à análise desses artefatos enquanto objetos confeccionados a partir de matérias-primas distintas, além das variáveis que envolvem o esqueleto, sejam na sua forma de deposição ou na própria morfologia. Para Silva (2005), esses objetos que foram depositados no túmulo ou sobre ele podem diferir ou não de acordo com o sexo, o *status* social, entre outros. Esses bens poderiam assim ser resultado de um vínculo pessoal, “[...] oferecidos por ocasião da morte ou confeccionados especialmente para o enterro, por motivo ritual ou em substituição a bens valiosos do morto que servem em vida aos demais membros do grupo social” (SILVA, 2005: 43).

Em sua tese, Castro (2009) defende que as identidades só podem ser construídas pelo que é visível, pelos artefatos e estruturas. A cultura material seria então um meio de representar identidades, assim ela busca estabelecer traços ou marcadores de identidades coletivas representados nas estruturas funerárias de alguns sítios pré-históricos na região nordestina⁴. Para Castro (2009), “as estruturas funerárias pré-históricas condensam, no seu interior, elementos biológicos e da cultura material que consideramos como marcadores de identidades coletivas”, sendo eles representados, ainda que parcialmente, nos conjuntos que compõem as estruturas funerárias, passíveis de análise conforme grau de conservação (CASTRO, 2009, p. 45 – 48).

Representados de forma variável, os artefatos devem ser decodificados e interpretados como elementos de comunicação, únicos da Pré-História brasileira com as sociedades atuais, cabendo assim ao arqueólogo o papel de identificar tanto as informações neles contidas como nos sepultamentos e consequentemente indivíduos a que foram associados

⁴ Os sítios arqueológicos estudados foram: Furna do Estrago, Pedra do Alexandre, Toca da Baixa dos Caboclos, Toca do Serrote do Tenente Luiz, Justino e São José II. A autora também tem por objetivo caracterizar as práticas funerárias; analisar os tipos de rituais funerários e avaliar os limites na determinação dos traços de identidades no contexto funerário (CASTRO, 2009, p. 48).

no momento de sua morte. Para Bard (*apud* SILVA, 2007, p. 138), os acompanhamentos funerários, artefatos, podem ser indicadores do tipo de trabalho que o indivíduo praticava ou um resultado de sua autoridade dentro do grupo.

O trabalho de antropólogos e de outros profissionais envolvidos com grupos indígenas remanescentes desde o período de “reocupação” permite que algumas ações sejam identificadas e registradas, principalmente no que se refere às práticas e aos mobiliários funerários. Dados etnográficos são constantemente agregados às pesquisas arqueológicas em busca de uma melhor compreensão quanto ao envolvimento dos grupos, refletidos através de sua cultura material. Os trabalhos desenvolvidos por Paschoalick (2001) sobre os Kaiowás podem ser tomados como exemplo, uma vez que a autora estuda o grupo através dessa cultura material, mas mantendo o foco nas transformações sofridas pelos objetos ao longo do século, sejam elas pela escassez da matéria-prima (ausência de alguns vegetais na atual área de reserva estabelecida para o grupo) ou pelo desvio da função (confeção de peças com foco comercial, o chamado *souvenir*⁵) original de cada peça. Paschoalick (2001) busca estabelecer através desses dados às mudanças culturais sofridas pelo grupo

[...] o contato com outros grupos indígenas e com outras culturas pode produzir transformações culturais relevantes e fazer desaparecer certas manifestações artísticas, assim como trazer elementos responsáveis pelo surgimento de formas de expressões diferentes (PASCHOALICK, 2001, p. 3).

49

A pesquisa de Castro (2009), já mencionada, também é construída sobre uma base de dados etnográficos onde a autora reúne bibliografias específicas e relata, através das práticas desenvolvidas sobre os rituais funerários, todos os elementos que o envolvem, quer seja na preparação do indivíduo ou da cova. Mantendo o foco apenas na associação de elementos classificados como adornos, foi construído um quadro sintético, o qual compreende o grupo indígena, o local (unidade da federação), o autor responsável pela publicação, os critérios utilizados como diferenciadores do tipo de adorno empregado e o acompanhamento em específico (os adornos propriamente ditos) em relação ao sexo/gênero dos indivíduos.

5 Apenas alguns de seus artefatos são produzidos com fins comerciais, mas, apesar de apresentar características semelhantes, a matéria-prima empregada em geral é diferenciada.

Grupo indígena	Local	Autor	Critério (diferenciador do tipo de adorno)	Acompanhamento em específico (apenas adornos)
Krahó	GO	CUNHA, 1978	status; gênero	feminino - plumagem
Kayapó	PA	VIDAL, 1977	gênero	masculino - braçadeira de pena de arara
Kamayurá	MT	AGOSTINHO, 1974	status e gênero	feminino – uluri dotado de rabicho, jarreteiras, colares de miçangas e de disco de concha e de placas de caramujo, cocar; masculino – braçadeira de algodão e de flores-de-plumas, cinto de miçangas de fio de algodão e por vezes de disco de concha, joelheiras, jarreteiras e perneiras [...], colar de casca de caramujo, brincos e cocar. Aos pajés são adicionadas várias voltas de fio de algodão no pulso esquerdo.
Tapirapé	MT	BALDUS, 1970	gênero/etário	masculino – estojo peniano
Araweté	PA	CASTRO, 1986	não diferenciados	objetos não específicos

Quadro 1 – Dados etnográficos quanto ao uso de adornos como acompanhamentos funerários. * Baseado nos dados descritos por Castro (2009).

Sendo os indivíduos constantemente envolvidos em esteiras, com pinturas corporais, acompanhamentos de ferramentas e de outros elementos, é possível o entendimento dessas ações como demonstração de respeito e a própria percepção do grupo sobre a morte e o morto.

De modo geral, as categorias de artefatos identificadas nos sepultamentos estão aqui distribuídas entre instrumentos (ferramentas e utensílios em geral) e adornos (adereços como colares, pulseiras, pingentes e tembetás). Segundo Silva (2005):

[...] interessa ao arqueólogo não exatamente o modo como os artefatos associados a um sepultamento foram confeccionados ou a qual tipo pertencem, mas as comparações entre esses materiais provenientes de sítios de uma mesma região, cronologicamente diferentes e que possibilitem a identificação de mudanças em tradições de oferendas e de organização dos sepultamentos (SILVA, 2005, p. 16).

A percepção do autor é válida para este trabalho, com exceção do que se refere ao modo de confecção dos artefatos. A análise desses objetos aborda não apenas sua função enquanto ferramenta ou ornamento, mas uma percepção de sua cadeia operatória, tais quais peças líticas ou cerâmicas, em busca de evidências referentes às técnicas empregadas nessa produção, permitindo uma melhor caracterização do grupo e possíveis comparações entre materiais compatíveis de distintas regiões. A diversidade de materiais empregados na confecção de adornos é comprovada através do resgate de ossos, conchas, vegetais e minerais, que foram trabalhados, manipulados e transformados em contas, pingentes e outros tantos adereços, constantemente recuperados nos sítios arqueológicos, tanto em contexto pré-histórico quanto histórico, tendo, para este último, novos tipos de adornos, como a presença marcante das contas de vidro trazidas pelos grupos europeus, após o século XVI, possivelmente como forma de escambo.

Em busca de uma padronização quanto às formas, aos tipos, às perfurações, à cor e decoração (as duas últimas para contextos históricos), a obra de Beck (2006), *Classification and Nomenclature of Beads and Pendants*, torna-se uma grande referência para a análise técnica dos objetos, levando em consideração as tabelas de classificação construídas pelo autor a partir de amostras variadas, adotando categorias gerais, como contas regulares redondas, regulares facetadas, tipos especiais e irregulares de contas e pingentes. Dentre essas quatro principais categorias, o autor cria subdivisões que permitem que sejam criados grupos mais específicos quanto às formas, tomando esta como uma das principais características a ser analisada.

51

O uso de cada matéria-prima e das contas de vidro será exposto individualmente, apresentando dados identificados em pesquisas arqueológicas quanto à presença de tais materiais em sítios arqueológicos e, para aqueles de período histórico, o uso de relatos de cronistas, que marcam o início desse contato entre o vestígio material do nativo e dos novos exploradores.

ADORNOS DE OSSOS E DENTES DE ANIMAIS EM CONTEXTOS PRÉ-HISTÓRICOS

Segundo Martin (2008: 221), o uso de material ósseo na fabricação de armas ainda não foi registrado em populações pré-históricas nordestinas; seu uso está restrito aos adornos e instrumentos musicais, encontrados principalmente nos sepultamentos, sendo assim parte do seu mobiliário funerário. O trabalho apresentado por Prous (2009) sobre sítios arqueológicos da região do Vale do Peruaçu, em Minas Gerais, destaca a utilização de material ósseo tanto enquanto adorno como enquanto ferramenta. O autor apresenta a confecção a partir de recortes, fraturas, raspagens e polimentos de tais ferramentas e as

classifica principalmente a partir das formas apresentadas. A identificação de material ósseo em sítios arqueológicos não é incomum. Para Roca (2009, p. 11), “*en el contexto de la Arqueología mundial y latinoamericana, los estudios sobre tecnología ósea han contribuido de manera importante a la interpretación arqueológica desde hace varias décadas*”.

Relatando vestígios identificados em sítios arqueológicos pré-históricos na região nordestina, Martin (2008) aponta em um dos capítulos de sua obra a presença de contas fabricadas a partir de tíbias de pequenas aves, além de outros tipos de ossos trabalhados de cervídeos com uma ou duas perfurações. Contas de colar e pingentes em ossos são apresentados pela mesma autora em vários sítios da região, sendo alguns desses últimos trabalhados. Eles apresentados com maior especificidade na tese de Castro (2009), tendo por tema *Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil*, através do qual a autora faz uma abordagem dos sepultamentos em geral identificados em sítios arqueológicos nordestinos — Estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe — e especifica a presença de contas e pingentes encontrados contextualizados.

52

Dentre os seis sítios estudados, a autora apresenta adornos produzidos em dentes animais em dois sítios (Furna do Estrago/PE e Justino/SE) e ossos animais em três outros (Furna do Estrago/PE, Pedra do Alexandre/RN e Justino/SE).

O sítio Furna do Estrago é um abrigo-sob-rocha granítica com a primeira ocupação datada de 11.000 anos BP e entre 2.000 e 1.000 anos BF foi utilizado intensamente como cemitério indígena (MARTIN, 2008, p. 70). No sítio foram identificados 23 colares em ossos, representando a maior quantidade dentre a amostra geral, além de 01 colar apenas em dente, 01 em osso e dente e 07 colares em osso e outros elementos. A quantidade de material identificado é bem superior ao do sítio Pedra do Alexandre, também um abrigo, contudo sob-rocha arenítica, com datação de 9.400 anos BP a 2.620 anos BP para os enterramentos mais recentes (MARTIN, 2008, p. 73 – 74). Nesse sítio, a autora evidenciou 01 colar de ossos, 01 pingente de ossos e 01 colar em osso e outros elementos. A quantidade de indivíduos analisados no sítio Pedra do Alexandre (29 indivíduos) é bem inferior aos do Furna do Estrago (73 indivíduos), porém, proporcionalmente, o percentual de indivíduos sepultados com acompanhamentos do tipo adornos não chega a ser equivalente.

No Sítio Justino, em Sergipe, datado em um intervalo entre 1.280 e 8.980 anos BP (MARTIN, 2008, p. 72), os dados apresentados por Castro em 2009 são complementados por Carvalho e Silva (2011). Novos elementos foram identificados como adornos pertencentes ao sítio, chegando ao total de 29 amostras elaboradas em ossos e apenas 01 em dente de animal. O colar é formado por 21 dentes inteiros e fragmentados de *canídeo* e

felídeo, apresentando perfurações efetuadas intencionalmente para serem utilizados como acessórios, posicionados ao redor do crânio de um esqueleto humano adulto feminino, acompanhado de um conjunto de 24 contas, com tamanhos superiores aos encontrados nas outras sepulturas, sendo uma representação única para o Sítio Justino. As contas foram elaboradas a partir de ossos longos de animal ainda indeterminado e com polimento nas áreas de corte (CARVALHO e SILVA, 2011, p. 44).

A presença de contas de colar e dentes de animais trabalhados são constatados como parte de enxovais funerários. Guidon e Luz (2009) descrevem um dos esqueletos identificados na Toca do Enoque, Serra das Confusões, Piauí. “Os esqueletos apresentavam-se com um enxoval funerário composto por colares de dentes e ossos de animais trabalhados e perfurados” (GUIDON e LUZ, 2009: 121).

No sambaqui da Piaçaguera, litoral do Estado de São Paulo, foi constatado o uso de dentes de animais na confecção tanto de instrumentos quanto de adornos. Para este último, foram encontrados dentes de quati (*Nasua nasua*), boto (*Sotalia* sp.) e toninha (*Pontoporia* sp.). Os autores ainda acrescentam: [...] “como material associado aos sepultamentos, porém sem traços de modificações, grande quantidade de dentes de tubarões de diversas espécies” (GARCIA e UCHÔA, 1980, p. 47 – 51). As manipulações ocorridas através de perfurações, lascamentos, polimentos e cortes dão características individualizadas a cada peça e dificultam em muitos casos a correlação entre os artefatos e o animal, ou parte dele, utilizados como matéria-prima.

53

ADORNOS DE CONCHAS EM CONTEXTOS PRÉ-HISTÓRICOS

O uso de conchas é observado por Prous (2009, p. 372 – 394) como matéria-prima empregada na confecção de raspadores, plainas ou mesmo algum tipo de adorno produzido a partir da concha de um gastrópode provável da família dos *Strophocheilidae*, muito comum na região em que se localiza o sítio Piçaguera, até os dias atuais (PROUS, 2009). Martin (2008) relata a presença de “pingentes de conchas de forma quadrada a partir de um tipo de *Cardium edule*, delicadamente trabalhadas”, coletadas no Sítio Mirador, em Parelhas, Rio Grande do Norte (MARTIN, 2008, p. 221). Nos sepultamentos da Toca do Enoque, no Piauí, além da presença de adornos de ossos e dentes, conforme mencionado, foram evidenciadas conchas perfuradas, formando o que poderia ser interpretado como colar, além da presença desses elementos como acompanhamento, sem uma aparente manipulação, tendo sido apenas depositados. “Observaram-se, ainda, três conchas (emborcadas) sobre a bacia (pelve esquerda) e uma, virada para cima, sob as mesmas” (GUIDON e LUZ, 2009: 120).

O uso de conchas enquanto acompanhamento funerário sem manipulação foi igualmente evidenciado no sítio arqueológico São José II, no município de Delmiro Gouveia, Estado de Alagoas, com a deposição do material sobre o crânio (CARVALHO, 2007). Próximo ao sítio São José II, mas na margem sergipana, o Sítio Justino apresenta maior variedade, tanto no aspecto como no tipo de concha empregada⁶, e forma atribuída aos adornos envolvidos nos enxovais funerários. As conchas utilizadas como adornos no Sítio Justino haviam sido relatadas por Vergne (2004), Carvalho (2007), Castro (2009), Carvalho e Silva (2011). De um modo geral, são apresentadas enquanto contas, pingentes, bracelete e prendedor de cabelo⁷.

A presença de conchas também é evidenciada no sítio Furna do Estrago, onde foram detectadas 02 amostras de colares com o material e seis em que aparecem em conjunto com outros elementos (CASTRO, 2009). Confeccionadas a partir de cortes, polimentos ou utilizando a forma natural, esses vestígios conquiliológicos também são recuperados constantemente em sítios arqueológicos do tipo sambaquis, onde são empregados na confecção de instrumentos, bem como o material ósseo. No trabalho de Garcia e Uchôa (1980), os autores fazem uma abordagem sobre a presença de contas de colar produzidas a partir de *Olivella verreauxi* (Duclos, 1857), ocorrentes em diversos sambaquis, sendo feita apenas a remoção do ápice da concha para passagem do fio em seu interior. Também foram classificados enquanto adornos o uso de *Polinices hepaticus* (Roding, 1798), comum em praias abertas, e *Bulla striata* (Bruguière, 1792), frequentemente encontrados em ambientes estuarinos, nos quais foram detectadas perfurações grosseiras (GARCIA e UCHÔA, 1980, p. 55).

ADORNOS DE MINERAIS EM CONTEXTOS ETNOGRÁFICOS E PRÉ-HISTÓRICOS

O uso de minerais utilizados para a produção de artefatos enquanto instrumentos é bastante difundido. São inúmeros os estudos sobre material lítico lascado ou polido, sendo este um dos primeiros vestígios materiais que marcam a presença do homem enquanto produtor de peças para o uso tanto como ferramentas quanto como armas. Na produção de adornos, as pesquisas apresentam algumas amostras utilizadas enquanto pingentes ou contas, não sendo comum, nos estudos brasileiros, sua ocorrência como um dos principais elementos empregados na produção de adereços. Os principais registros abordam a presença dos tembetás, constantemente associados a sepulturas humanas.

⁶ Não foram identificadas as especificações quanto aos tipos de conchas empregadas na confecção de tais adornos.

⁷ As duas últimas classificações foram atribuídas por Vergne (2004). A autora foi responsável pela escavação do Sítio Justino e pelo registro das sepulturas no início da década de 90 do século passado.

Também pertencente à categoria de adornos, os tembetás são amplamente discutidos, principalmente no contexto etnográfico. Uma importante referência sobre o tema foi a dissertação de Souza (2008), que enfoca materiais líticos polidos, tendo o tembetá como representante da categoria de adornos. No transcorrer de várias fontes etnográficas a experimentações com diferentes matérias-primas, o autor cria um verdadeiro perfil, tanto tecnológico quanto simbólico, desse material.

A vasta referência etnográfica possibilita, através dos relatos desses cronistas, uma percepção dos indivíduos nos valores das peças para os grupos indígenas. Essa menção torna-se importante também se atentar tanto para o comércio que poderia ser realizado com essas peças quanto para às alterações estéticas possíveis de ocorrer nos indivíduos. Outra importante percepção do uso do artefato é enquanto marcador de gênero. Essa atribuição é feita em função dos relatos que indicam grupos mantenedores da utilização dessa peça restrita aos indivíduos de sexo masculino, conforme indica Prous (1992, p. 417 – 418) com relação aos Tupis:

[...] os papéis dos sexos eram bem definidos: aos homens o que exigia era esforço energético brusco [...] com a idade, suas responsabilidades aumentavam, e isto era simbolizado pela troca dos seus adornos labiais; os tembetás das criancinhas eram de chifre de veado, depois de osso ou concha e, finalmente os adultos recebiam um tembetá de pedra verde

55

Ou Paschoalick (2001)⁸ sobre os Kaiowás do Mato Grosso do Sul:

O *tembetá*, ou labrete, é um adorno labial tradicional, utilizado pelos homens em um ritual de passagem. Em uma cerimônia de iniciação dos meninos em idade pré-pubertária, *kunumí-pepy*, entre oito e doze anos, realizada pelo pai ou sacerdote em que participam apenas os homens, ocorre a perfuração do lábio inferior para a colocação do *tembetá*, caracterizando a passagem para a vida adulta.

Acrescido a isso está o fato da constante evidência do material associado aos esqueletos masculinos em sítios arqueológicos. Contudo, nos sepultamentos registrados no Sítio Justino, dentre os oito esqueletos apresentando tembetás, três eram do sexo feminino, sendo um adulto jovem, um classificado apenas como adulto e um adulto entre 40-49 anos (VERGNE, 2004; CARVALHO, 2007; CARVALHO e SILVA, 2011). Além desses elementos, foram identificados trabalhos que referenciam o uso desse adorno de forma variável, seja como marcador cultural (MONLÉON, 1980), relacionando-o a alterações dento-maxilares (RODRIGUES-CARVALHO e SOUZA, 1998; COOK e MENDONÇA

8 Referência a Schaden (1974).

DE SOUZA, 2011) ou unicamente pela constatação do material em sítio (SCHULTZ, 1955; PAVLOVIC, 2000; SOUZA, 2008; VERGNE, 2004; SENE, 2007).

Normalmente apresentando a forma de T, os tembetás nem sempre são confeccionados com a mesma composição, algumas vezes é possível encontrar apenas o corpo da peça em mineral, sendo atribuído o uso da base a um material de resina, que apresenta menor resistência e conservação nos enterramentos. Frequentemente produzidos sob suporte variável (resina, madeira e mineral), os tembetás são adereços labiais que se tornam presentes em contextos pré-históricos ou históricos, permitindo uma gama de interpretações relacionadas ao próprio artefato, ao indivíduo sepultado ou ao grupo ao qual pertencia.

ADORNOS EM PERÍODOS PÓS-CONTATO

56

As contas de vidro ou de matéria com aspecto vítreo marcam, assim como as louças e tantos outros produtos (pentes, sombrinhas, espelhos, tecidos, apitos), a presença de novos grupos adentrando o território brasileiro, como também a dinâmica ocorrida entre eles na constante troca de mercadorias. Recuperados em contextos arqueológicos, esses artefatos apontam não apenas para o contato estabelecido entre esses grupos externos, mas para a incorporação dessa cultura material “estrangeira”, tanto no uso, segundo relatos de cronistas, quanto nos acompanhamentos em enterramentos humanos. “Por séculos, viajantes, soldados, missionários, cientistas sempre trouxeram consigo ‘miudezas para trocar com os índios’, sem as quais não se viajava” (HUSSAK VAN VELTHEM, 2002, p. 61). Para franceses *pacotille*, os ingleses *tradegoods*, os portugueses quinquilharias; produtos como ferramentas e utensílios do dia a dia dos europeus representavam uma gama de “produtos” utilizados como moeda para o escambo⁹ (LIMA, 2006; YUMIANDO e BONNICI, 2004; HUSSAK VAN VELTHEM, 2002; MAGALHÃES, 1992).

A presença de ingleses, irlandeses, franceses, holandeses além de portugueses e espanhóis, no território americano marcou esse comércio entre o “branco” e o índio, evidente em diversos relatos de viagem, deixando clara a negociação desses objetos de pouca significância para os europeus em troca de recursos naturais das novas terras.

Os primeiros ingleses que chegaram à região mostraram-se aventureiros experientes, indo a lugares desconhecidos e contatando a participação de vários povos diferentes, viventes às margens do Amazonas e afluentes, desde o cabo do Norte (Amapá) até o Xingu. Suas alianças com os povos

⁹ Escambo = troca de produtos, mercadorias ou serviços. FERREIRA, A. B. H. Novo Dicionário Aurélio – Século XXI, versão 3.0. São Paulo: Nova Fronteira/Lexikon, 1999.

Palikure Karipuna eram pautadas no escambo de mercadorias, como espelhos e contas, que trocavam por animais, tabaco e gêneros da terra. Eram alianças intermitentes ou temporárias onde os ingleses não exerciam papel preponderante sobre o outro (LIMA, 200, p. 18).

O comércio entre os holandeses e os índios no Amapá pôde ser constatado através dos relatos de contabilidade feitos em 1616 pelo holandês Jan Swaerooch, em que ele buscava uma compensação financeira diante da perda de mercadorias após o ataque português ao seu navio, relatando, dentre os materiais utilizados como moeda de troca, uma caixa com sortimento de contas de vidro (HULSMAN, 2011, p. 178). Para Lima (2006, p. 149), os holandeses e ingleses tinham uma próspera relação comercial, pois a aliança que faziam com os chefes eram intermitentes, trocavam suas contas e bugigangas por madeiras de todo tipo, aves e frutas exóticas e depois partiam, sendo assim uma relação de satisfação mútua. Jean de Léry, viajante e cronista francês, que publicou em 1578 o livro *Viagem à terra Brasil*, relata essa relação de troca, em que, segundo ele, os nativos eram inocentes e ingênuos tais quais uma criança, sem terem ideia das trocas desiguais (YUMUANDO e BONNICI, 2004, p. 110). Essas trocas eram analisadas pelos grupos indígenas como de grande valor, em relatos de dois frades, D'Abbeville e D'Evreux, que descreveram os Tupinambás como muito vaidosos, valorizaram esses adornos de orelha que faziam e trocavam com os franceses (LIMA, 2006: 43 – 44). Esses objetos também eram utilizados como moedas em relações intergrupais.

57

Os artefatos industrializados obtidos (facas, machados, tecidos, contas de vidro, etc.) eram então sucessivamente transacionados com os diversos povos indígenas interioranos com os quais mantinham contato, logrando atingir comunidades indígenas distanciadas do contato direto com os colonizadores e estabelecendo um complexo de trocas intertribais (HURAUULT, 1972; PORRO, 1985; GALLOIS, 1986; FARAGE, 1991 *apud* HUSSAK VAN VELTHEM, 2010, p.145).

Para Magalhães (1992: 410), essa troca de bens culturais não chegou a desencadear mudanças culturais profundas por não perturbarem o equilíbrio da vida social tribal; o intercâmbio poderia então representar uma mudança no significado do objeto, sendo atribuído a ele esse novo “sentido” diante das concepções das sociedades que os adotaram. Hussak van Velthem (2002, p. 61) afirma que esses objetos “revestem-se assim de novos sentidos que se manifestam em diversos registros culturais e, sobretudo, por meio de reconstruções simbólicas que almejam a reafirmação étnica”.

As miçangas europeias apresentaram-se aos índios como uma possibilidade de elaborar novos usos para um material familiar, pois empregavam contas confeccionadas com outros materiais, tanto de origem vegetal e animal, como também lítico, quartzo, diorita, nefrita (BARATA, 1954 *apud* HUSSAK VAN VELTHEM, 2010, p. 154).

Esse novo significado empregado à cultura material poderia ser exemplificado no seu uso enquanto elemento decorativo dos sepultamentos humanos, tendo em muitos casos a junção das novas contas de vidro às contas produzidas em matérias-primas utilizadas comumente por eles. “Assim, desde os primeiros tempos, as contas de vidro europeias competiram e se misturaram a contas de materiais diversos” (HUSSAK VAN VELTHEM, 2010, p. 154).

58

A presença de “[...] contas de vidros brancas, azuis e verdes, mergulhadas em resina e ordenadas em pulseiras e colares”, serviu como base para identificar o período a que pertencia à urna de um indivíduo feminino que trazia essas contas nos braços e na região dorsal (GOELDI, *online*, 2009). As contas, identificadas pelo autor, de povos extintos da região amazônica foram classificadas por especialistas “como de origem veneziana e idênticas aos produtos lá fabricados no século XVI”, permitindo, a partir dessa análise, então, que a urna fosse atribuída a um período pós-cabralino (GOELDI, *op. cit.*). Desempenhando um papel importante nessas trocas, as miçangas de vidro foram transformadas em valorizados adornos corporais, masculinos e femininos, como apresentado por Hussak van Velthem (2010), com relação aos povos indígenas de língua caribe das Guianas e do norte do Brasil. Novas perspectivas sobre o estudo de vestígios de períodos de contato, com produtos originalmente indígenas, podem ser observadas no trabalho em curso de Sena sobre os sítios Aldeia da Serra de Macaguá I, recentemente descobertos no semiárido do Brasil. A autora relata a presença de cerâmica tupinambá associada com miçangas de vidro azul europeias. Para Sena, esses estudos podem ser utilizados como marcadores de mudanças culturais e na formação de “identidades flexíveis tanto do período histórico como de épocas anteriores ao contato” (SENA, 2012). Diferentemente dos produtos artesanalmente produzidos pelos grupos indígenas, o foco dessa cultura material industrializada passa a ser justamente essa relação de troca e de incorporação, e não necessariamente de substituição nos rituais funerários, somada à busca pela origem do material nas linhas de produção europeias, principalmente no século XVI.

Partindo do ambiente em que foi promovido o sepultamento, abordando os elementos bioarqueológicos a serem identificados e concluindo com o mobiliário funerário a ele atribuído, em especial os adornos, buscou-se construir uma base teórica que abranja tanto os enterramentos humanos quanto os adereços que os envolviam na sepultura. Fundamentalmente importante para representar esse elo entre o homem e o objeto, buscou-se compreender essa cultura material, pertencente ao uso cotidiano ou não, mas que, de toda forma, foi empregada ao ritual funerário, deixando “eternizada” essa ligação no contexto arqueológico.

A ÁREA ARQUEOLÓGICA DE XINGÓ E O SÍTIO JUSTINO

Entre os Estados de Sergipe e Alagoas, a região do semiárido nordestino conquistou expressão na Arqueologia brasileira e, sobretudo, regionalmente após os anos 1980, com a descoberta de diversos sítios arqueológicos com características variáveis, próximos ao Rio São Francisco (áreas de divisa entre os estados supracitados). Foi em função da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó (UHE-Xingó) pela Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf) no “velho Chico” que os trabalhos de Arqueologia foram desenvolvidos nessa área e permitiram o aprofundamento de informações acerca da região, já estudada em caráter preliminar, mas não com o aprofundamento instaurado a partir do desenvolvimento do Projeto Arqueológico de Xingó (PAX). Subdividido em duas etapas, o PAX foi desenvolvido por mais de 10 anos e esteve sob a responsabilidade da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A primeira etapa, financiada principalmente pela Chesf, ocorreu entre os anos de 1988 e 1994, cabendo à equipe de Arqueologia promover o levantamento e cadastramento dos sítios e a realização de sondagens e escavações nas áreas de inundação na montante da barragem. A etapa seguinte, entre 1995 e 2000, já com o apoio da empresa Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobras), cumpriu o papel de analisar os vestígios resgatados na primeira etapa e dar continuidade às pesquisas da área da barragem até a foz do Rio São Francisco (LUNA, 2006:194). De fato, a Petrobras teve um papel fundamental no aporte de recursos através da Lei Rouanet Ministério da Cultura (MinC) para a construção do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), que se tornou um órgão suplementar da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e para onde foi transferido todo o acervo arqueológico resultante das pesquisas na região de Xingó.

59

Com base nas informações ambientais inventariadas e que deram sustentação à pesquisa arqueológica, a região de Xingó foi descrita como composta por um clima semiárido mediano típico de áreas secas na maior parte do ano (7 a 8 meses), característica também visível na vegetação de caatinga hiperxerófila arbustivo-arbórea¹⁰. Os dados paleoambientais publicados por Dominguez e Britcha (1997) serviram como base para os estudos sedimentológicos necessários à compreensão do processo de formação dos terraços e consequentemente das ocupações humanas neles presentes. Para Ab’Sáber (1997: 7), os terraços fluviais se configuram como locais mais estáveis no critério climático, mais seguros e com acesso a um largo rio perene com “águas límpidas, fluxos movimentados de corredeiras, em uma situação ideal para peixe lântico”, sendo então propício a serem utilizados como áreas de assentamentos.

10 Com base no texto publicado no Caderno de Arqueologia, nº1. UFS/Chesf/Petrobras. 1997.

Com o desenvolvimento da pesquisa, a região (montante da Usina Hidrelétrica de Xingó) foi dividida em três áreas distintas, conforme a concentração de sítios arqueológicos evidenciados. O Sítio Justino, local de origem do material estudado, faz parte de um conjunto de outros 16 sítios que formam a área 3. Dentre esta e as demais áreas estudadas, o Sítio Justino foi aquele que apresentou maior quantitativo de material arqueológico, tanto no que diz respeito aos artefatos quanto à presença de esqueletos humanos e faunísticos. Localizado sob as coordenadas (UTM) 8938.881N e 627.561E, o sítio, atualmente submerso pelo lago artificial da UHE-Xingó, apresentou 1.265 m² escavados de um total aproximado de 1.500 m², em geral. A figura a seguir representa os sítios da área 3 encontrados diante das pesquisas desenvolvidas nesse período.

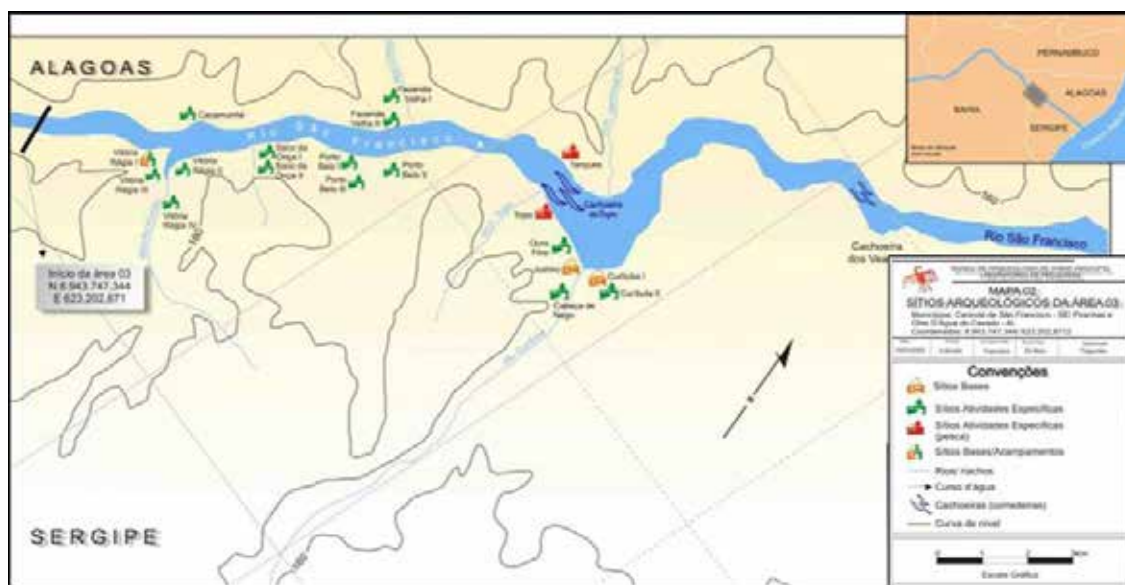


Figura 1 – Área 3 com especificação dos sítios arqueológicos. (Fonte: FAGUNDES, 2010a).

Evidenciada na então fazenda Cabeça de Nego, a área do Sítio Justino era utilizada para plantação de subsistência (milho — *Zea mays* — e feijão — *Vigna unguiculata*). Diante desse fator, foram constatadas intervenções antrópicas no solo, conforme a autora, representadas na presença de fragmentos cerâmicos em superfície. A formação do terraço onde está localizado o Justino é descrita por Dominguez e Britcha (1997) como resultado do transporte de sedimento dos altiplanos semiáridos, através do Riacho Curituba, que deságua no Rio São Francisco, com características deltaicas, ocorrendo a formação de camadas construídas de areia, seixos, siltes e argilas.

O Sítio Justino apresentou um acúmulo de mais de 6 m de sedimentos, formando um perfil estratigráfico não muito bem definido e que foi dividido em quatro ocupações

conforme organização espacial das estruturas funerárias (cemitérios A, B, C, D). As escavações partem então do cemitério A, mais recente (com retirada da camada de superfície de no máximo 10 cm), até o cemitério D, que encerra ao atingir a base rochosa (VERGNE, 2004). Ao promover um estudo sobre as fases de ocupação, Fagundes (2010b) subdivide o Justino em cinco fases (com nove ocupações distintas), partindo da fase 1, o cemitério mais antigo (D), e chegando à 5, o mais recente (A), ilustrados conforme o próprio autor no Quadro abaixo:

	FASES	NÚMERO DAS OCUPAÇÕES	DECAPAGENS	PROFUNDIDADES	DATAÇÕES
CEM A	Fase 05	02	05-01	Intervalo de 0,20m entre 0,50 e 0,20 m	1280 ± 45 AP (decapagem 05)
		01	08-04	Intervalo de 0,40 m entre 1,00 e 0,50 m	1780 ± 60 AP (decapagem 06)
CEM B	Fase 04	01	15-09	Intervalo de 0,60 m entre 1,70 e 1,00 m	5270 ± 155AP (decapagem 15)
					2650 ± 150 AP (decapagem 10)
					2550 ± 70 AP (decapagem 08)
CEM C	Fase 05	05	21-16	Intervalo de 0,50m entre 2,50 e 1,70 m	4790 ± 80 AP (decapagem 20)
		02	28-22	Intervalo de 0,60m entre 3,00 e 2,50 m	Sem datação
		01	54-29	Intervalo de 0,50m entre 3,60 e 3,00 m	5570 ± 70 AP (decapagem 50)
CEM D	Fase 02	01	42-55	Intervalo de 0,70m entre 4,40 e 3,60 m	8950 ± 70 AP (decapagem 40)
	Fase 01	02	50-45	Intervalo de 0,70m entre 5,20 e 4,40 m	Sem datação
		01	64-51	Intervalo de 0,80m entre 6,00 e 5,20 m	Sem datação
TABELA 02. FASES DE OCUPAÇÃO DO SÍTIO JUSTINO					

Quadro 2 - Fases de ocupação do Sítio Justino. Fonte: Fagundes (2010b). Legenda: CEM = Cemitério.

O autor subdivide o sítio conforme conjunto de informações resultantes de variadas pesquisas científicas desenvolvidas para a região. Para Fagundes (2010a:9), as ocupações do Justino são resultado de uma “[...] continuidade ‘biocultural’ nos oito milênios de ocupação, isto é, trata-se de um mesmo grupo”. Essas ocupações foram caracterizadas por Vergne (2004) como resultantes de grupos caçadores-coletores; para o cemitério D e os demais de grupos de agricultores e ceramistas.

A divisão quanto aos grupos ceramistas que ocuparam a região sanfranciscana deixa de ser vista atualmente, através de novos estudos desenvolvidos nas últimas décadas, como unicamente partilhada entre Tupi-guaranis e os Aratus. Essa afirmação dá espaço à compreensão de que grupos independentes produziam suas cerâmicas, muito bem produzida, antes mesmo da influência de qualquer uma das duas tradições. Martin (2008) afirma que essas

“[...] conclusões simplistas e cômodas ao se relacionar toda cerâmica pré-histórica com uma ou outra dessas tradições [...] estão sendo contestadas e admite-se a existência de grupos ceramistas independentes, não filiados a nenhuma dessas duas tradições, com cerâmicas locais que devem ser estudadas a partir dos seus atributos técnicos e utilitários, sem filiações apriorísticas” (MARTIN, 2008, p. 208)

Um dos exemplos é o trabalho de Luna (2006), que faz uma discussão sobre os grupos que ocuparam a região tanto costeira quanto interiorana, tendo como base a análise do material cerâmico, sobretudo os encontrados no Sítio Justino. Ela se propõe então a observar as características desse material, produzido anteriormente à influência dos Tupis-guaranis e Aratus, como independente e o utiliza para confrontar tanto as afirmações quanto ao período de ocupação dessa região mais ao interior quanto o local de origem desses grupos. Outro trabalho que pode ser citado é a publicação de Carvalho (2003), que, ao analisar a ocupação do território sergipano, identifica para a região de Xingó uma cultura anterior à ocupação das duas tradições, à qual ele deu o nome de Canindé, como caráter de distinção, sendo ela presente entre o período de 9.000 BP e 1.280 BP, precedendo a Aratu e Tupi-guarani (CARVALHO, 2003, p. 55).

A maior representação de datações absolutas para a região foi obtida no Sítio Justino através de amostras de carvão que ocorreram entre 0,40 m e 4,10 m, com intervalos de 0,10–0,30 m, para os cemitérios A e B e acerca de 1,0 m para os cemitérios C e D. No total foram efetuadas 17 datações (Quadro 3) em amostras retiradas dentre as camadas em que foram identificados os restos humanos, porém, até o momento, não foram realizadas datações em material diretamente relacionado aos esqueletos (ossos, dentes), pois a baixa preservação do material não forneceu condições para tanto.

DE	PR	MÉTODO	LABORATÓRIO	CRONOLOGIA
03	40 cm	C14	Inst. Radiocarbônico da Universidade de Lyon, França	1280 ± 45 AP
06	60 cm	C14	Inst. Radiocarbônico da Universidade de Lyon, França	1780 ± 60 AP
08	90 cm	C14	Instituto de Geociências da UFBA	2530 ± 70 AP
10	1,10 m	C14	Instituto de Geociências da UFBA	2650 ± 150 AP
13	1,40 m	C14	Inst. Radiocarbônico da Universidade de Lyon, França	3270 ± 135AP
20	2,10 m	C14	Beta Analytic, USA	4790 ± 80 AP
30	3,10 m	C14	Beta Analytic, USA	5570 ± 70 AP
40	4,10 m	C14	Beta Analytic, USA	8950 ± 70 AP
04	0,50 m	TL	LabDat/UFS	2191 ± 276 AP
08	0,90 m	TL	Instituto de Geociências da UFS	1800 ± 150 AP
08	0,90 m	AD	LabDat/UFS	2010 ± 430AP
10	1,10 m	AD	LabDat/UFS	2700 ± 620 AP
10	1,10 m	TL	Instituto de Geociências da UFS	2050 ± 140 AP
13	1,40 m	PD	LabDat/UFS	4310 ± 800 AP
15	1,60 m	TL	LabDat/UFS	3865 ± 398 AP
20	2,10 m	TL	Instituto de Geociências da UFS	4496 ± 225 AP
20	2,10 m	AD	LabDat/UFS	5500 ± 980 AP

Legenda: DE (decapagem), PR (profundidade, base da estrutura datada, fogueira), C14 (Carbono 14), TL (termoluminescência), AD (Dose aditiva), PD (pré-dose). Fontes: Vergne (2004), Santos e Munita (2007).

Quadro 3 - Datações do Sítio Justino. Fonte: Fagundes (2010a).

O grau de dificuldade interpretativa que envolve o Justino é visível na publicação de Vergne (2002), que reconhece tais problemas tomando como base as estruturas funerárias para decodificar as ocupações e determinando as quatro ocupações. Nos estudos específicos sobre a dinâmica cultural

(FAGUNDES, 2010a) e as ocupações (FAGUNDES, 2010b) do Justino, Marcelo Fagundes¹¹, que trabalhou com a temática das estratigrafias do sítio, deixa claro que esses estratos são complexos e de difícil leitura. Para o autor, segundo dados paleoambientais¹², as ações ambientais (movimentação do rio com depósitos sedimentares e erosões) podem ter provocado “[...] movimentação vertical das peças e misturado solos de ocupação” (FAGUNDES, 2010b, p. 95).

Mais recentemente, Santana (2013) apresentou quatro novas datações ¹⁴C para o sítio arqueológico Justino (por Aceleração de Espectrometria de Massa (AMS), no laboratório Beta Analytic, USA), a partir de amostras de carvão vegetal recolhidas em estruturas de combustão provenientes de quatro camadas, o que resultou no recuo cronológico dos períodos de ocupação humana naquela localidade. De acordo com a autora, “Os resultados obtidos pela cronologia das amostras de carvão foram: 2.510 ± 30 para o Cemitério A, 4.390 ± 30 para o Cemitério B, 7.530 ± 30 para o Cemitério C e 12.220 ± 50 para o Cemitério D. Evidenciando quatro ciclos distintos da ocupação humana na região de Xingó”.

No tocante aos adornos registrados para o Sítio Justino atualmente, 24 esqueletos apresentam algum tipo de acompanhamento funerário caracterizado enquanto adorno. Dentre as variações quanto à tipologia e quantidade, os artefatos ósseos foram os de maior proporção, seguidos de conchas, dentes e lítico, ainda contando com uma categoria de material não classificado, conforme informado sinteticamente no Quadro 4:

Ocupação	Adornos	Matéria-prima	Tipo de Adorno
A	13	Ossos de animais, conchas, minerais e material ainda não identificado.	Conta, adorno labial
B	50	Minerais, ossos de animais, conchas, dentes de animais, material ainda não identificado.	Conta, pingente, adorno labial
C	1	Molusco.	Bracelete**
D	5	Minerais, ossos de animais, conchas.	Adorno labial, conta
N/I*	4	Minerais, ossos de animais, conchas.	Conta, prendedor de cabelo**

Quadro 4 - Representação de adornos como acompanhamentos funerários pertencentes ao Sítio Justino.

* Materiais que não apresentam identificação do esqueleto ou quando ela é duvidosa.
** Essa classificação foi apresentada por VERGNE, 2004.

11 Doutor pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo com tese intitulada: *Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil*. 2007.
12 O autor toma esta como uma possibilidade mesmo para ele ainda sendo necessário um maior aprofundamento em dados ambientais de caráter mais expansivo.

O quadro acima reúne os tipos de adornos evidenciados e apresenta uma tendência pela confecção de contas, em diversos tipos de matérias-primas e formas de confecção, as quais foram encontradas em quase todas as ocupações. Quanto à natureza do mineral, foi observado o uso de quartzo, amazonita e outros ainda não classificados mineralogicamente. Para os ossos de animais, ainda são necessários estudos mais específicos de ordem sistemática e tafonômica, contudo foi possível uma classificação para algumas peças ao nível de grandes grupos taxonômicos, sobretudo quanto aos mamíferos e aves. O material conchiliológico também carece de estudos sistemáticos; algumas das conchas foram classificadas como bivalves, e em alguns casos observou-se sua utilização na fabricação de acessórios, a partir das marcas encontradas nos bordos externos.

TRATAMENTO DOS ARTEFATOS DO TIPO ADORNO

Enquanto material resultante de um resgate arqueológico, os adornos, principalmente as contas, muito frequentemente encontradas em sítios arqueológicos brasileiros, passaram pelas etapas de limpeza e análise, conforme os protocolos de investigação dos artefatos arqueológicos. Por se tratar de material inorgânico, normalmente apresentando maior resistência que boa parte daqueles de natureza orgânica, a remoção de impurezas na superfície e internamente das perfurações foi bastante facilitada nas amostras em questão. O processo de análise desses acompanhamentos encontrados em contexto funerário seguiu padrões gerais e específicos conforme o tipo de matéria-prima aplicado. Como toda arte manual, as contas e os pingentes apresentam características individuais as quais refletem parte dos atos promovidos no momento de sua confecção. A existência de uma nova categoria de adornos advindos com os europeus criou a necessidade de um padrão também específico para as peças produzidas em vidro de variadas colorações e formas.

Ao analisar os adornos, baseando-se nos métodos de Beck (2006), conforme mencionado, foram consideradas e pontuadas as ações de produção, tais como cortes, polimentos, perfurações e pinturas, e também foram determinados padrões quanto ao tipo, à forma e ao tratamento. As manipulações (cortes, pinturas, polimentos) em materiais como ossos, dentes e conchas dão características individualizadas a cada peça, o que dificulta a correlação entre os artefatos e o animal, ou parte dele, utilizado como matéria-prima. Para as contas modernas, são agregadas novas informações quanto ao período de fabricação e local de origem. Alguns critérios são utilizados para obedecer a um padrão de caracterização das peças, eles vão tratar das informações quanto à sua natureza, forma e a todo processo de tratamento empregado nas confecções, sejam de origem mineral, orgânica ou com massa a base de sílica (vidro). Dentre os critérios analíticos adotados neste trabalho, foram destacados os seguintes:

Matéria-prima: base material utilizada para a produção das peças. De um modo geral, os vestígios em contexto brasileiro anterior à colonização foram confeccionados em ossos, dentes, conchas, chifres, madeira e semente. Após a chegada de grupos europeus e africanos, são adicionadas as contas de vidro.

Tipo: categoria associada ao modo de uso. Os tipos de objetos encontrados como adornos variam normalmente entre contas e pingentes acrescidos de outros adereços utilizados em punhos, tornozelos e cabelo. As contas e os pingentes apresentam maior predominância dentre o material arqueológico desta categoria.

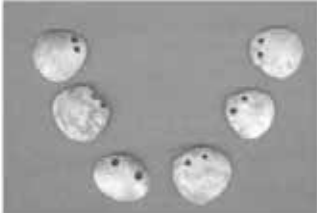
	
Contas em vidro. Praça da Sé, Salvador/BA. Fonte: Acervo MAE/UFBA 2001 (Tavares, 2006).	Conta em material lítico do enterroamento 9. Sítio Gruta do Gentio II/MG (Sene, 2007).
	
Pingente em concha. Enterroamento 9. Sítio Gruta do Gentio II/MG (Sene, 2007).	Artefato para possível uso no punho do elaborado de concha de gastrópode (<i>Megalobulimus</i> sp.). Enterroamento 147. Sítio Justino/SE (Carvalho e Silva, 2011).

Figura 2. Artefatos variados presentes em sítios arqueológicos no Brasil.

Forma: configuração geométrica adotada para a peça. Nesse momento, são utilizados padrões da Geometria para caracterizar o material. As formas adotadas estão em geral ligadas ao seu uso, sendo muito mais constante essa variação na produção de contas que de pingentes ou outros adereços. Em alguns casos, pode-se observar a associação da Forma com o Tratamento, quanto ao aspecto final da(s) peça(s):

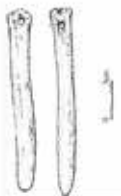
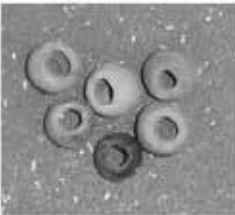
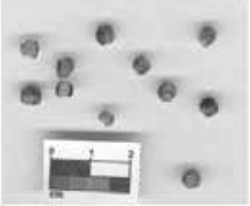
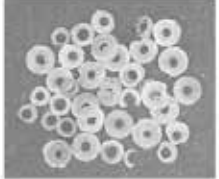
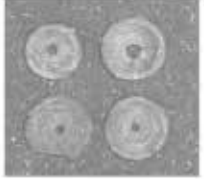
		
Cilindro Reto	Conta cilíndrica, em osso de animal indeterminado. Pedra do Caboclo/PE (Martin, 2008).	Conta cilíndrica, em osso (falange) de animal indeterminado. Sítio Justino/SE (Carvalho e Silva, 2011).
		
Cilindro seccionado	Pingente cilíndrico seccionado, em osso de cervídeo (metapódio). Pedra do Alexandre/PE (Martin, 2008).	Pingente cilíndrico seccionado, em concha. Sítio Justino/SE (Carvalho e Silva, 2011).
		
Esférico	Conta esférica enterramento 2. Sítio Gruta do Gentio II/MG (SENE, 2007).	Conta esférica azul, em vidro. Praça da Sé, Salvador/BA. Fonte: Acervo MAE/UFBA 2001 (Tavares, 2006).
		
Elipsoide achatado	Conta em forma de elipsoide achatado, em concha. Sítio Justino/SE (Carvalho e Silva, 2011)	Conta em forma de elipsoide achatado, em concha. Sítio Justino/SE (Carvalho e Silva, 2011).
		
Coroa circular	Conta em forma de coroa circular, em concha. Enterramento 11. Sítio Gruta do Gentio II/MG (Sene, 2007).	Conta forma de coroa circular, em concha. Enterramento 2. Sítio Gruta do Gentio II/MG (Sene, 2007).

Figura 3. Artefatos de distintos sítios arqueológicos classificados quanto à forma.

Tratamento: ação promovida no ato de confecção da peça, quer seja com um objetivo estético ou funcional. O tratamento oferecido à peça geralmente está ligado à fase de acabamento; nesse momento, o polimento dá suavidade aos cortes e às perfurações feitos e retira irregularidades encontradas na superfície. Esse polimento também pode resultar em um aspecto brilhoso no material. Em alguns casos, pode-se observar a associação do Tratamento com a Forma, quanto ao aspecto final da(s) peça(s):

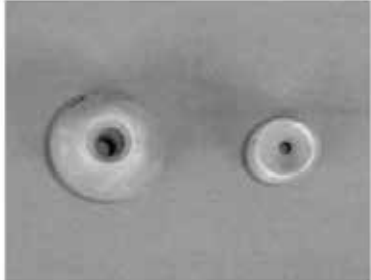
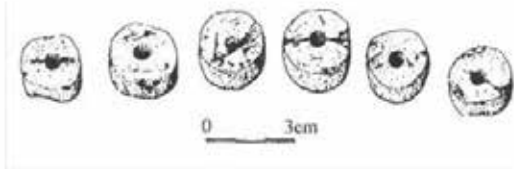
Polimento de Superfície	Polimento de Extremidades
	
Polimento em toda a superfície da peça. Pingente em sílex castanho do enterramento 11. Sítio Gruta do Gentio II/MG (Sene, 2007).	Polimento em extremidade de contas em material lítico do enterramento 9. Sítio Gruta do Gentio II/MG (Sene, 2007).
Cortes	Perfuração
	
Corte longitudinal, pingente em osso de cervídeo (metapódio) do sítio Justino/SE. Foto: Silva, 2012.	Perfuração em contas de ágata. Sítio Pedra do Alexandre/RN (Martin, 2008).

Figura 4. Artefatos de distintos sítios arqueológicos classificados quanto ao tratamento.

Decoração e coloração: presença de corantes ou outros materiais utilizados para variar a coloração das peças ou para produzir enfeites. De um modo geral, o material confeccionado com elementos encontrados diretamente na natureza não apresenta uma variação quanto a esses aspectos, eles possuem normalmente cor e marcas de sua própria matéria-prima original. Esta categoria está relacionada mais diretamente aos artefatos produzidos em vidro, que apresentam diversas categorias decorativas e colorações de contas. Este é um dos recursos que podem auxiliar na determinação da região ou país de origem dos adornos.

Após todo o processo de análise, os adornos receberam uma identificação através de etiquetas individuais de registro por grupos. A forma foi o critério de classificação utilizado inicialmente para diferenciar cada peça, tendo sido adicionado o item cor, caso houvesse uma repetição. Também envolvidos em meios de proteção, como o material ósseo, as peças foram arquivadas em conjunto com outros adornos e acompanhamentos do respectivo esqueleto para cada sítio arqueológico.

Atualmente, nesse tipo de investigação, são utilizados diversos recursos das ciências exatas, sobretudo da Física, Geologia, Química e Engenharia de Materiais, no tocante às análises desses materiais oriundos de contextos arqueológicos. São observados elementos orgânicos e inorgânicos que participam em sua composição, temperaturas utilizadas para produção e tamanho das partículas encontradas. Com essas informações, novas perspectivas são almejadas, tanto no que diz respeito à caracterização do adorno quanto do sítio em questão, revelando informações quanto às habilidades e aos materiais envolvidos na produção de artefatos, transformação de matérias e troca de bens, além de informações que relacionem grupos autóctones em contato com grupos humanos pertencentes ao território ou advindos de outras localidades, inclusive países.

68

Em busca de uma dimensão mais ampla desses estudos, foram consultados materiais oriundos de acervos do Departamento de Antropologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (Ufba), com o auxílio do Doutorando Samuel Gordenstein (Ufba), resultantes da escavação da Praça da Sé em Salvador, sob a coordenação do professor Dr. Carlos Etchevarne (Ufba). Esses materiais são de origem africana e divergem em relação ao que havia sido identificado no Justino, além de apresentarem padrões típicos que caracterizam marcadamente esses grupos humanos. Ainda na busca de outras informações, foram consultados os professores Dr. Scott Allen, do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Dra. Suely Luna, professora do Departamento de Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os acompanhamentos que marcavam as três sepulturas (137, 138 e 140) apresentavam-se de forma única no sítio arqueológico Justino. Tal particularidade é refletida principalmente no que tange à escolha da matéria-prima para sua confecção. Mesmo apresentando estruturas comuns, como ossos, concha e até minerais, foram evidenciados diversos artefatos e outros materiais, em geral apresentando características atípicas para amostras comuns encontradas em sítios arqueológicos pré-colombianos. Diante das três sepulturas estudadas, a variação segue o seguinte formato:

Sepultura	Variação de Adornos
137	08 (ossos de animal, concha e material não classificado)
138	07 (mineral, concha e material não classificado)
140	10 (mineral, concha e material não classificado)

Quadro 5 – Variabilidade de adornos conforme o sepultamento.

Os questionamentos surgiram exatamente com a constatação desse material considerado como “não classificado”. O desconhecimento dos recursos naturais para confecção dessas peças fez surgir a necessidade em se obter maiores especificações quanto à composição das amostras através das técnicas de caracterização físico-química dos materiais. A Arqueometria permite que sejam utilizados mecanismos para identificar cada material que compõe as peças e as possibilidades do uso de recursos naturais ou a impossibilidade destes. Foram selecionados três conjuntos de contas distintos (todas pertencentes ao esqueleto 140) em caráter experimental, considerando sua variabilidade e tendo em vista que são métodos destrutivos, só nos permitimos à escolha daquele elemento cujo quantitativo mínimo fosse de 10 peças.

69

A técnica de caracterização utilizada foi o Ensaio de Difração de Raios X (EDX) para determinar a composição de modo qualitativo e quantitativo dos constituintes físico-químicos. As análises e os relatórios foram executados pela Dra. Karina Araújo Kodel (UFRB/Cetec) (Comunicação Oral), na época como parte do projeto *Caracterização Estrutural e Traceologia em Remanescentes Arqueológicos de Sítios Arqueológicos em Sergipe* (encaminhado e aprovado no Edital Capes/Fapitec/SE nº 11/2012 – Programa de Apoio ao Pós-Doutorado no Estado de Sergipe), sob coordenação da Profa. Dra. Divanízia do Nascimento Souza – DFI/CCET/UFS).

Amostra 01 – Conta Branca



Figura 5. Conta branca representada em seu tamanho natural (esquerda) e através de imagem em estereomicroscópio (direita).

Resultado Qualitativo	Resultado Quantitativo (%)
Silício - Si	98.545
Fósforo - P	1.455

Tabela 1 - Resultados qualitativos e quantitativos da amostra de coloração branca.

Amostra 02 – Conta Preta



Figura 6. Conta preta representada em seu tamanho natural (esquerda) e através de imagem em estereomicroscópio (direita).

Resultado Qualitativo	Resultado Quantitativo (%)	Resultado Qualitativo	Resultado Quantitativo (%)
Silício - Si	54.330	Chumbo - Pb	1.185
Manganês - Mn	15.708	Estrôncio - Sr	0.570
Cálcio - Ca	15.345	Estanho - Sn	0.448
Potássio - K	6.081	Actínio - Ac	0.254
Ferro - Fe	3.613	Tálio - Ti	0.196
Fósforo - P	2.201	Tório - Th	0.068

Tabela 2 - Resultados qualitativos e quantitativos da amostra de coloração preta.

Amostra 03 – Conta Azul



Figura 7. Conta azul representada em seu tamanho natural (esquerda) e através de imagem em estereomicroscópio (direita).

Resultado Qualitativo	Resultado Quantitativo (%)	Resultado Qualitativo	Resultado Quantitativo (%)
Silício - Si	68.497	Ferro - Fe	2.693
Cálcio - Ca	13.973	Estrôncio - Sr	0.266
Cobre - Cu	5.847	Chumbo - Pb	0.228
Potássio - K	4.347	Tálio - Ti	0.220
Cloro - Cl	3.753	Bismuto - Bi	0.127
Zircônio - Zr	0.049		

Tabela 3 - Resultados qualitativos e quantitativos da amostra de coloração azul.

Diante dos resultados apresentados nas três amostras, observou-se a prevalência do silício (Si), elemento que poderia ser encontrado em diversos minerais abundantes na região, assim como na produção de peças que utilizem suas partículas, como no caso da produção do vidro. Este é um elemento importante nos três casos e abundante sobretudo na primeira amostra, a qual apresenta características visuais semelhantes a material conchiliológico, o que, diante das evidências, foi descartado, inclusive outros materiais orgânicos em qualquer um dos três exemplares amostrais. A impossibilidade da realização de outros experimentos em razão da escassez de recursos (materiais, financeiros e humanos) até o presente momento deu por concluído esse caráter de classificação.

Considerando os demais aspectos técnicos utilizados para analisar as contas, foram elaborados quadros sintéticos conforme cada esqueleto, os quais especificam as cinco categorias descritas de adornos, conforme a metodologia empregada.

Esqueleto 137:

Quantidade	Matéria-prima	Tipo	Forma	Tratamento	Coloração e Decoração
02	Ósseo animal	Conta	Esférico	Polimento de superfície e extremidades	Cor natural e sem decoração
196	Concha	Conta	Elipsoide achatado	Corte, perfuração, polimento 1 extremidade	Sem alteração aparente
01	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento de superfície e extremidades	Cor azul com listras brancas no plano dos orifícios
01	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento de superfície e extremidades	Cor preta com listras brancas no plano dos orifícios
02	Não classificado	Conta	Esférico e facetado	Facetada	Transparente e com 18 faces em forma de pentágono
01	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento superfície	Transparente
01	Não classificado	Conta	Elipsoide achatado	Polimento superfície e extremidades	Negra
01	Não classificado	Conta	Esférico (extremidades dos orifícios achatadas)	Polimento superfície	Marrom

Quadro 6 - Especificações técnicas de adornos do esqueleto 137.

Esqueleto 140:

Quantidade	Matéria-prima	Tipo	Forma	Tratamento	Coloração e Decoração
39	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento em superfície e extremidades	Azul sem decoração aparente
08 inteiras e fragmentos	Concha	Conta	Coroa circular	Corte, perfuração e polimento aparente	Cor natural e envolvida em um conjunto aglomerado
01	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento em superfície e extremidades	Verde sem decoração aparente
01	Não classificado	Conta	Cilindro reto	Facetada em seu sentido alongado e polimento nas extremidades	Azul escuro sem decoração aparente e com 4 faces
01	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento em superfície e extremidades	Azul escuro (pequena) e sem decoração aparente
01	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento em superfície e extremidades	Azul escuro (grande) e sem decoração aparente
01	Não classificado	Conta	Esférico	Facetada e polida	Azul escuro sem decoração aparente e com 6 faces
218	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento superfície e extremidades	Negra e sem decoração aparente
786	Não classificado	Conta	Esférico	Corte e polimento de superfície e extremidades	Branca e sem decoração aparente
01	Mineral - Amazonita	Tembetá	T	Polimento em todo o corpo da peça	Cor natural - verde

Quadro 7 – Especificações técnicas de adornos do esqueleto 140.

Esqueleto 138:

Quantidade	Matéria-prima	Tipo	Forma	Tratamento	Coloração e Decoração
13	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento em superfície e extremidades	Azul sem decoração aparente
166	Concha	Conta	Coroa circular	Corte, perfuração e polimento aparente	Cor natural e sem decoração
01	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento em superfície e extremidades	Azul com algum elemento agregado à superfície deixando-o com um tom branco. Há presença de listras brancas (não em pintura) que correm o plano do orifício
01	Não classificado	Conta	Cilindro reto	Facetada em seu sentido alongado e polimento nas extremidades	Azul escuro sem decoração aparente e com 4 faces
434	Não classificado	Conta	Esférico	Corte e polimento de superfície e extremidades	Branca e sem decoração aparente
01	Não classificado	Conta	Esférico	Polimento de superfície e extremidades	Cor azul com listras brancas no plano dos orifícios
01	Mineral - Amazonita	Tembetá	T	Polimento em todo o corpo da peça	Cor natural - verde

Quadro 8 – Especificações técnicas de adornos do esqueleto 138.

Diante dessa grande concentração de peças “não classificadas” e ao mesmo tempo semelhantes entre os sítios, começam a surgir discussões sobre possíveis inter-relações entre os indivíduos e a inquietação pelo fato de que, diante de mais de 200 esqueletos, apenas três possuem artefatos tão específicos (salvo o caso dos tembetás, presentes em outras sete sepulturas).

A partir da ideia de organizar o debate desses inúmeros resultados, seguimos o esquema dos quatro subitens propostos até chegar à discussão final.

- Esqueletos-sepulturas – Neste ponto, trabalhamos com três tipos de sepultura, uma sendo de uma realidade de deposição estendida com a associação de cerâmicas, o seguinte com o corpo completamente fletido e o terceiro sentado, sendo que ambos com a cerâmica como cobertura completa da sepultura. Mesmo diante das duas amostras com a cerâmica depositada, não foram encontrados aspectos que se assemelhem quanto ao modo de organização na sepultura. Por se tratarem de três esqueletos com idades e estaturas distintas, podemos levar em consideração que esse fator pode de certa forma limitar alguns modos de deposição, principalmente quanto à cobertura completa do corpo de um adulto com uma única peça cerâmica. A diferenciação entre a posição das duas crianças também pode ser justificada por esse elemento. Uma vez que uma possui 1,5 anos e a outra 5 anos, teríamos a média de 70–75 cm e 107–109 cm respectivamente¹³.
- Esqueletos-esqueletos – Tomando por base os resultados expostos nas fichas de análise arqueotanológica, não foram encontrados elementos que estabeleçam uma ligação entre os três indivíduos. Não houve nenhum sinal significativo que pudesse justificar direta ou indiretamente. Além deste, deve ser considerada a camada de deposição dos indivíduos que podem possuir intervalos aproximados de 60 anos¹⁴, intervalo de tempo além da expectativa de vida comum nesses grupos considerando a média de idade dos adultos enterrados.
- Esqueleto-artefato – Estabelecendo uma leitura desses vestígios enquanto marcadores de diferenças sociais, seria necessário, conforme entendimento próprio, propor uma ligação entre os elementos particulares dessas três sepulturas e as outras amostras do sítio. Como um exemplo, se considerarmos a posição de enterramento sentado, que já é de conhecimento ser único, como um fator diferencial para esse esqueleto teriam que ser mapeadas todas as outras posições correspondentes com seus vestígios para criar tais padrões. A pergunta seria exatamente quais os parâmetros a serem estabelecidos para determinar tais diferenças sociais: o adorno, o tipo, o modo de deposição, a exclusividade da peça ou o quantitativo. Diante dessas questões, opta-se por não utilizar um critério que determine qualquer diferencial desses indivíduos dentro do grupo, tomando por base esses materiais em contexto.

Artefato-artefato – Diante dos pontos expostos, este de fato é o primeiro elemento que pode ser utilizado como comparação de forma concreta. O vestígio material é uma prova viva da ação humana, sua fabricação e uso são resultados de escolhas que podem ser do indivíduo ou do grupo no caso dos acompanhamentos funerários. Considerando

¹³ Essas medidas são aproximadas, tomando por base as estaturas das crianças atuais.

¹⁴ Esse intervalo foi elaborado através de uma média tomada com base nas datações disponíveis.

os três esqueletos e a variabilidade dos artefatos, algumas semelhanças foram encontradas e permitem de fato estabelecer essa ligação dos esqueletos 137-138-140.

As contas transparentes e de listras brancas apresentadas para o esqueleto 137 já foram alvo de pesquisas anteriores, porém a não visualização do material em contexto impossibilitou em muitos casos a afirmação de que o material pertencia àquele espaço, e não de que era um elemento intrusivo. Essa dúvida surge justamente pela forma diferenciada das peças e a semelhança com contas de origem europeia feitas em vidro e utilizadas por muito tempo como moeda de troca. Um fato de grande importância nesse momento foi com a escavação do esqueleto 138 e consequentemente a descoberta presença de um artefato exatamente as mesmas semelhanças (azul de listra branca), sendo que este é comprovadamente um elemento do contexto funerário. Além de servir como reafirmação do uso da peça enquanto adorno, é estabelecida a primeira ligação entre dois indivíduos e única para o 137.

76

O elo entre os artefatos da sepultura 140 e 138 é maior. Foram identificados 4 vestígios com características semelhantes, além dos tembetás em amazonita, que, apesar de diferir no tamanho, apresentam formas iguais. Enquanto objetos análogos foram encontrados nas duas sepulturas, as contas foram classificadas apenas como esféricas azuis e brancas, ambas submetidas à análise por EDX; as que receberam a nomenclatura quanto à forma de coroa circular, ao que se faz crer feitas de conchas; e as que são peças únicas em formato alongado. A ligação entre esses artefatos pode preencher as lacunas deixadas abertas por todos os outros itens. Mesmo que sejam limitadas as respostas, a presença de objetos semelhantes em sepulturas com características e espaços temporais distintos representa necessariamente algum significado. Este poderia ser um fator utilizado para responder a questão lançada no item anterior, mas ainda não foram obtidas respostas suficientes que nos façam ter uma afirmação de que esses artefatos podem ser utilizados enquanto marcadores.

Os quadros abaixo apresentam esses comparativos entre artefatos semelhantes em sepulturas distintas:

	
<i>Azul com listras brancas – Esqueleto 138</i>	<i>Azul e preta com listras brancas – Esqueleto 137</i>
	
<i>Esféricas azuis – Esqueleto 138</i>	<i>Esféricas azuis – Esqueleto 140</i>
	
<i>Forma de coroa circular em concha- Esqueleto 138</i>	<i>Forma de coroa circular em concha- Esqueleto 140</i>
	
<i>Esférica branca – Esqueleto 138</i>	<i>Esférica branca – Esqueleto 140</i>
	
<i>Alongada azul – Esqueleto 138</i>	<i>Alongada azul – Esqueleto 140</i>
	
<i>Tembetá – Esqueleto 138</i>	<i>Tembetá – Esqueleto 140</i>

Figura 8 – Comparativo entre adornos semelhantes presentes nas sepulturas.

Diante do exposto, não se pôde observar muito elementos que justifiquem as particularidades dos adornos nessas sepulturas em específico. Levou-se então em consideração a semelhança entre as peças, mesmo obedecendo a intervalos de deposições grandes conforme cronologia do sítio. É ponderado nesse momento o uso desses artefatos em um contexto de sítio pré-histórico com intervalos superiores a 2.000 anos BP. Considerando que essas amostras não são compatíveis aos artefatos naturais fabricados por grupos desses períodos, essa questão torna necessário um debate que envolve não só a compreensão desses enterramentos, mas do Sítio Justino em geral e da cronologia estabelecida para suas camadas.

CONCLUSÕES

78

Considerando a proposta do trabalho em encontrar elementos que justifiquem as especificidades dos adornos para as três sepulturas mencionadas, foram analisados aspectos que permitissem estabelecer uma relação entre elas. Diante dos pontos levantados, as evidências presentes apenas nessas amostras e com conexão entre os três esqueletos estão restritas às semelhanças entre os artefatos (137-138 e 140-138). Os resultados obtidos com as análises dos adornos e as discussões anteriormente tratadas sobre os artefatos já apontaram para a existência de materiais incompatíveis com a realidade das amostras comuns para períodos pré-colombianos; dessa forma, esses artefatos teriam uma origem de fora do território e foram trazidos com a chegada dos novos povos que adentraram, sobretudo depois do século XV. Tendo em vista a articulação do material, com sepulturas inalteradas (esqueletos 140 e 138), salvo as movimentações permitidas pelos espaços vazios, comprovou-se que esses adornos são acompanhamentos funerários e que não existe a possibilidade de uma intrusão, principalmente considerando a quantidade de peças.

As evidências então nos fazem crer que esses diversos questionamentos e inquietações sobre as camadas estratigráficas do Justino podem ser mais complexos que os apresentados até o momento. Esses novos artefatos compatíveis com períodos históricos contradizem informações referentes à cronologia do sítio. Até o momento não existem, dentro do que é possível para esta pesquisa, testes que comprovem o período dos artefatos diante das composições atestadas.

Mesmo não encontrando até o momento elementos que permitam justificar esses artefatos apenas nos três esqueletos estudados, diante do exposto foi possível compreender um novo modo de deposição de indivíduos, sentado, e a cobertura completa de sepulturas com peças cerâmicas. Consideramos assim que a presença de contas de vidro europeias associadas a artefatos produzidos pelos próprios grupos indígenas e utilizadas enquanto

acompanhamentos funerários é o principal ponto de ligação entre eles e o que deve ser levado em consideração neste momento.

Esses dados fornecidos pela pesquisa conduzem a um novo direcionamento, estabelecendo que ao menos as primeiras camadas do sítio são de períodos mais recentes que os previstos anteriormente. O contato entre grupos indígenas e povos europeus ocorreu em várias partes do território nacional e são comprovados diante da Arqueologia através da presença de vestígios materiais associados entre grupos distintos.

Dessa forma, a partir deste momento o foco mudaria, não estaria mais em responder o porquê destes esqueletos serem escolhidos, e sim o motivo pelo qual os artefatos estão presentes de modo isolado em um sítio com datações pertinentes a períodos muito anteriores à chegada dos europeus e seus diversos artefatos utilizados como moeda de troca entre os grupos indígenas.

Considerando as questões deixadas em aberto e novas proposições apontadas pelos resultados, é sugerido que seja feita uma abordagem em específico desses adornos de origem europeia, com busca de referências documentais como catálogos ou outros dados de produção de contas compatíveis com o período, associados a um mapeamento de evidências desses artefatos em território brasileiro, com características e origem semelhante. Outro ponto a ser considerado é a realização de novas datações no Justino, em geral entre as camadas 0 e 10, associadas diretamente aos esqueletos.

79

BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, A. N. 1997. "O homem dos terraços de Xingó". Documento 6. UFS/Chesf/Petrobas.

BECK, H. C. 2006. "Classification and Nomenclature of Beads and Pendants". *Beads, Journal of the Society of Bead Researchers*, vol.18, 1-76.

BELO, T. P. 2008. "Estudos preliminares da indústria lítica do Sítio Água Limpa, Monte Alto, SP: Campanhas de 1195, 1996 e 2000". *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, n. 12, 84-103.

BOËDA, E. Levallois. 2006. "Uma construção volumétrica, vários métodos, uma técnica". *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, São Cristóvão n. 7, 37-77.

CARVALHO, F. L. de. 2003. *A pré-história sergipana*. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, UFS.

CARVALHO, O. A. de; SILVA, J. A. 2011. "Adornos encontrados nos sepultamentos do Sítio Justino e

sua relação com a Arqueotematologia”. In: NOGUEIRA, A. D. & SILVA, E. D. (orgs.). *O despertar do conhecimento na Colina Azulada*. São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe, 13–50.

CARVALHO, O. A. de. 2007. *Bioantropologias das necrópoles de Justino e de São José II, Xingó, Brasil*. São Cristóvão: Museu de Arqueologia de Xingó, UFS.

CASTRO, V. M. C. de. 2009. *Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil*. 2009. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

COOK, D. C.; MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. 2011. “Tocas do Gongo, São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil: uma bioarqueologia retrospectiva”. *Revista de Arqueologia*, vol. 24, número 2, 87–123.

DOMINGUEZ, J. M.; BRITCHA, A. 1997. “Estudos sedimentológicos a montante da UHE de Xingó. Relatório de Consultoria”, Documento 4. São Cristóvão: UFS/Chesf/Petrobras.

FAGUNDES, M. 2006. “Conjuntos Artefatuais Cerâmicos do Sítio Rezende, Centralina, Minas Gerais”. *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, n. 7, 147–185.

80

FAGUNDES, M. 2010a. “Entendendo a dinâmica cultural em Xingó na perspectiva Inter sítios: indústrias líticas e os lugares persistentes no baixo vale do Rio São Francisco, Nordeste do Brasil”. *Revista de Arqueologia Iberoamericana*, nº6, 3–23.

FAGUNDES, M. 2010b. “Análise Intra sítios do Sítio Justino, baixo São Francisco – As fases ocupacionais”. *Revista de Arqueologia SAB*, n. 23, 68–97.

FERREIRA, M. T. 2009. *Introdução à Antropologia Forense: metodologias de campo na Antropologia Forense*. Coimbra: Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Tecnológica da Universidade de Coimbra.

GARCIA, C. D.; UCHÔA, D. P. 1980. “Piaçaguera – Um Sambaqui do litoral do estado de São Paulo, Brasil”. *Revista de Pré-história da USP* – Instituto de Pré-história, vol. 2. 53–75.

GOELDI, E. A. 2009. “Úrnas funerárias de povos indígenas extintos e curiosos ídolos de barro e pedra da região Amazônica”. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, vol. 4, n.1, Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222009000100010&script=sci_arttext>. Acesso em 09 jul. 2012.

GUIDON, N.; LUZ, M. de F.; 2009. “Sepultamentos na Toca do Enoque – Serra das Confusões-Piauí”. Nota prévia. *FUMDHAMentos VIII*, 115–123.

HULSMAN, L. 2011. “Swaerooch: o comércio holandês com índios do Amapá (1600–1615)”. *Revista Estudos Amazônicos*. Vol. VI, nº 1, 178–202.

HUSSAK VAN VELTHEM, L. 2010. “Os ‘originais’ e os ‘importados’ – referências sobre a apreensão Wayana dos bens materiais”. *Ibero-AmerikanischesInstitut, Berlin*, nº 27, 141–159.

HUSSAK VAN VELTHEM, L. 2002. “Feitos por Inimigos - os brancos e seus bens nas representações Wayana do contato”. In: ALBERT, B. e RAMOS, A. R (orgs.). *As contas de vidro europeias – pacificando o Branco*. Cosmologia do Contato no Norte-Amazônico. São Paulo, SP: Ed. UNESP, p. 539–683.

LIMA, A. da S. 2006. *A guerra pelas almas. Alianças, recrutamentos e escravidão indígena (do Maranhão ao Cabo Norte, 1615–1647)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Pará, Brasil.

LUNA, S. 2006. “As pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no Nordeste do Brasil”. *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, n. 8, 167–206.

MAGALHÃES, E. D’A. 1992. “A língua geral”. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVII, 408–418.

81

MARTIN, G. 2008. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. Recife: Editora Universitária, UFPE.

MONLÉON, J. 1980. “Alfarería temprana en la zona central de Chile”. *Revista española de antropología americana*, n.10, 9–20.

PASCHOALICK, L. C. A. 2001. “A arte do índio Kaiowá da Reserva Indígena de Dourados, MS: transformações e permanências, uma expressão de identidade e afirmação étnica”. In: *XXI simpósio Nacional de História - A História no Novo Milênio: entre o Individual e o Coletivo*, 2001, Niterói/RJ. *Histórico do Novo Milênio: entre o individual e o coletivo*. Niterói/RJ: AMPUH - Universidade Federal Fluminense, 5–510.

PAVLOVIC, D. 2000. “Periodo Alfarero Temprano en la cuenca superior del ríoAconcagua. Una primera aproximación sistemática a sus características y relaciones”. *Boletín de La Sociedad Chilena de Arqueología*, nº 30: 17–29.

PROUS, A. 1992. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Brasília.

PROUS, A. 2009. “Artefatos e adornos sobre suportes de origem animal, vegetal ou mineral (concha, casca de ovo, dente, osso, cera, fibras vegetais e calcita)”. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, v. 19, 371–413.

ROCA, E. R. 2009. *Más Allá de la forma y la función. Artefactos de hu eso prehispánico sem Colombia*. FIAN - Universidad de los Andes-CESO.

RODRIGUES-CARVALHO, C.; SOUZA, S. M. F. M. de. 1998. “Uso de adornos labiais pelos construtores do sambaqui de Cabeçuda, Santa Catarina, Brasil: uma hipótese baseada no perfil dento-patológico”. *Revista de Arqueologia*, 11:43–55.

SANTANA, A. D. D. 2013. *Datação por Radiocarbono-MAS do Sítio Arqueológico Justino, Canindé de São Francisco, Sergipe*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, Brasil.

SCHULTZ, H. 1955. *Vocabulos Urukú e Digüt*. Journal de la Sociétés Américanistes. Tome 44.

SENE, G. M. 2007. *Indicadores de Gênero na Pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social*. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unai, Minas Gerais. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

SENE, G. M. 2003. “Rituais Funerários e Processos Culturais: Os caçadores-coletores e horticultores pré-históricos do Noroeste de Minas Gerais”. *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, n. 3, p.105–134.

SENA, V. 2012. “A cerâmica Tupinambá e as identidades no período do contato no semi-árido do nordeste do Brasil”. Resumo apresentado em 54º International Congress of Americanists.

SILVA, S. F. 2007. “Arqueologia das Práticas Funerárias: Resumo de uma estratégia”. *Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*, n. 10,99–142.

SILVA, S. F. 2005. *Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-históricos do Litoral do estado de São Paulo*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

SOUZA, G. N. 2008. *O material lítico polido do interior de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura*. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

TAVARES, A. C. P. 2006. *Vestígios materiais nos enterramentos na antiga Sé de Salvador: Postura das instituições religiosas africanas frente à igreja católica em Salvador no período escravista*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil.

VERGNE, M. C. S. 2004. *Arqueologia do Baixo São Francisco: estruturas funerárias do Sítio Justino - região de Xingó, Canindé do São Francisco, Sergipe*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

YUMIANDO, M. e BONNICI, T. 2004. *A construção da Alteridade em Viagem à terra do Brasil de Jean Léry*. UNILETRAS, Universidade Estadual de Maringá.